Acervo ASA

Φ4ROD 281

Darcy confessa crime e muda tática da defesa

LEÃO SERVA e LUÍS FRANCISCO CARVALHO Fº
Enviados especiais a Xapuri

Darcy Alves Pereira, 23, confessou ontem ao Tribunal do Júri de Xapuri, no Acre, ter matado o líder seringueiro Chico Mendes com um disparo de espingarda no início da noite de 22 de dezembro de 1988. A confissão foi uma surpresa e provoca uma reviravolta no julgamento, mudando completamente a estratégia anunciada pela defesa, que era a de negar a autoria do crime.

A descrição que Darcy fez da cena do assassinato mostra contradições diante da sua confissão anterior, no início de janeiro de 1989 (que depois ele passou a negar como fantasiosa), e com as provas arroladas pela acusação.

No interrogatório conduzido pelo juiz Adair José Longuini, 37, Darcy afirmou que resolveu confessar ontem "para pôr um ponto final em tudo isso". Disse que nem seus advogados sabiam do seu desejo de confessar o crime naquele momento. Isentou seu pai, Darly Alves da Silva, 54, de qualquer responsabilidade sobre seus atos, negando os argumentos da acusação que apontam Darly como mandante do crime. Darly também é réu no julgamento iniciado na manhã de ontem no fórum de Xapuri (180 km a sudoeste de Rio Branco, a capital do Acre).

O advogado de defesa João Lucena Leal, 52, disse que foi surpreendido pelo desejo de seu cliente de confessar o crime. Mas afirmou que já sabia disso na terça-feira. Darcy Pereira disse que não falou nada com os advogados antes do julgamento. Leal acrescentou que o pai, Darly Alves, ficou surpreso e enfurecido com a confissão do filho.

O assistente do promotor (acusação) Márcio Thomaz Bastos, 55, atacou a mudança na estratégia de defesa, apontando uma manobra para salvar o pai da condenação: "Darly é tão cruel que manda matar e depois manda confessar". Bastos afirmou que as diferenças entre a primeira confissão e a segunda fazem parte da intenção de confundir os jurados e salvar o pai. As principais contradições entre as provas arroladas pela acusação e o depoimento de ontem *(leia texto nesta página)* são:

1. Armas diferentes: Darcy afirmou ontem que usou uma espingarda de calibre 16, que não se lembra da marca. Disse que, depois de atirar em Chico Mendes, jogou a arma no rio Acre. Na primeira confissão, afirmara ter usado uma outra arma, de calibre 20. Os laudos da perícia apontam que o tiro era desse mesmo calibre.

2. Nas duas confissões, Darcy afirmou que agiu sozinho, por motivação pessoal, e que tão logo chegou ao fundo da casa de Chico Mendes, o líder seringueiro saiu para ir ao banheiro. Ele então disparou. Nas provas periciais que a promotoria aponta, há vários indícios de que Darcy teria ficado de tocaia no quintal por vários dias e por muito tempo no dia 22. No interrogatório de ontem, tenta descaracterizar emboscada, que pode aumentar a pena.

O julgamento começou às 9h30 (hora local), quando o juiz Longuini pediu que todos os fotógrafos se retirassem da sala. Depois de anunciar o nome dos réus, fez o sorteio dos jurados, dentre os 21 componentes de uma lista prévia. Como manda a lei, um menino retirou os nomes dos jurados de uma pequena urna de cor preta sobre a mesa do juiz. Foram sorteados dez. A defesa vetou um e a acusação dois, restando os sete nomes que compõem o júri.

Em seguida começou o interrogatório de Darcy. Ele negou que fossem seus alguns objetos apreendidos pela polícia e que são parte das provas apresentadas pela promotoria. O juiz fez seis perguntas a Darcy antes da crucial. Perguntou onde ele estava no momento da morte de Chico Mendes. Ele respondeu que tinha passado o dia em Brasiléia, cidade vizinha, mas que na hora estava em Xapuri. Se conhecia as provas contra ele arroladas nos autos do processo: "Não". Se conhecia Chico Mendes: "Sim, conhecia mas não lembro há quanto tempo". O juiz leu os nomes das testemunhas, algumas das quais (de defesa) ele disse conhecer. Foram então apresentados os objetos (arma de calibre 22, que foi encontrada na Fazenda Paraná, uma capa encontrada no local do crime, latas de salsichas e maços vazios de cigarros. Tudo ele disse não conhecer.

Então veio a pergunta crucial: "Você confirma que praticou o crime". "Confirmo". A reação da platéia foi de absoluto pasmo e silêncio. Márcio Thomaz Bastos deu um leve sorriso. Os advogados de defesa pediram que o juiz lesse a acusação e repetisse a pergunta. Foi lido o texto do promotor. O juiz perguntou novamente: "Você praticou o crime?" A resposta veio pronta: "Pratiquei". Começou então o interrogatório em que descreveu sua nova versão para a cena do crime.

Às 11h25, terminou o interrogatório. Às 11h50, começou o interrogatório de Darly, que negou qualquer participação no crime. Sua inquirição terminou às 12h50, quando os trabalhos foram suspensos para almoço.

Às 15h15, o juiz reabriu o julgamento e começou a fazer o relatório de todo o processo para os jurados. Depois, vem o momento em que são lidas as peças do processo, requeridas pela acusação e pela defesa, e a transmissão do vídeo de reconstituição do crime. A previsão era de que essa fase deveria se prolongar até as 23h. Hoje pela manhã começam a ser ouvidas as testemunhas.

LEIA MAIS
Sobre o julgamento do caso Chico Mendes nas págs. A-7 e A-8

Antonio Gaudério

Os advogados da defesa, Rubens Torres e João Lucena Leal, com os réus, Darly Alves e Darcy Pereira

Xapuri vira 'woodstock jurídico'

Do enviado especial

O grande dia da vida de Xapuri começou com um anticlímax. Às 6h uma tormenta amazônica caiu sobre a cidade. A tempestade esfriou um pouco a ansiedade dos proprietários das oito bancas de comes e bebes montadas na rua do fórum. Mas o dia reservava muitas emoções para os militantes e simpatizantes ecologistas, muitos deles travestidos de jornalistas, que desde terça-feira lotam a cidade.

E lotaram também o fórum. Nem o esforço do juiz para ter uma organização perfeita e um credenciamento rígido salvaram a sala do julgamento. O delegado Romeu Tuma, por exemplo, teve que sentar numa cadeira improvisada.

O clima de woodstock jurídico continuou depois de aberta a sessão. 30 pessoas se aglomeravam em pé no corredor da sala. A defesa não conseguia ver os jurados sorteados. Os câmeras da Radiobrás, que gera as imagens de TV dentro do julgamento, assobiavam para os passantes: "Olha a frente aí..."

Do lado de fora do fórum, a confissão foi saudada pelos curiosos filhos da cidade como uma vitória. Pelos jornalistas neo-hippies, como uma senha para correr atrás do advogado que auxilia a acusação, Márcio Thomaz Bastos, para obter as versões oficiais. **(LS)**

Pai volta a negar sua participação na morte

Do enviado especial a Xapuri

Ao contrário de seu filho, Darcy, o fazendeiro Darly Alves da Silva negou ontem qualquer tipo de participação na morte de Chico Mendes. Seu interrogatório começou às 11h50 e demorou exatamente uma hora. "Tomei conhecimento da morte dele (Chico Mendes) pelos jornais", afirmou. Disse que conhecia o líder sindical desde que se mudou para o Acre, há 14 anos, mas que nunca manteu contato com ele.

Darly queixou-se do depoimento, feito na fase do inquérito, pelo garoto Genésio Ferreira da Silva, 15, que morava na sua fazenda. "Ele mentiu demais." Genésio, que deverá depor hoje perante o júri, afirmou que a morte de Chico Mendes foi planejada por Darly. O juiz fez mais de uma pergunta sobre a participação de Darly no crime. Ele negou todas.

"Não é verdade que eu estivesse à frente do assassinato." *Em* seguida, disse não conhecer ninguém que tenha participado do crime. O juiz indagou se ele sabia da participação de seu filho, Darcy, confessada poucos minutos antes. "Não sei se ele participou." Depois, disse que soube da participação de Darcy "pelos jornais".

Darly confirmou que foi processado em Umuarama (PR), acusado pelo assassinato de um agricultor, mas que nunca foi preso. Aparentando tranquilidade, mas vez por outra pedindo para acrescentar algum dado novo às declarações anteriores, disse "não ter nada" contra Chico Mendes. "Nunca tive atritos com ele." Disse que tentou evitar atritos no Seringal Cachoeira, foco de conflitos entre eles e os seringueiros.

"Mas eu não tinha mágoa nenhuma contra ele (Chico Mendes). Sabia que a função dele era aquela (defender os seringueiros). Eu até tentei dialogar com ele mas não consegui." Segundo Darly, o único atrito seu com o ecologista ocorreu "através dos jornais". Ele disse que, antes do crime, Darcy lhe contou que os jornais noticiavam que ele queria matar Chico Mendes. "Eu disse a ele que nem lia jornais", afirmou, se contradizendo.

Nos dias que antecederam o crime, Darly disse que teve apenas dois contatos com seu filho. Os dois encontros, de acordo com ele, ocorreram na Fazenda Paraná, onde os dois moravam. Em alguns momentos, Darly tentou lançar dúvidas sobre a conduta de Darcy. "Ele sempre foi meio revoltado". Contou que, certa vez, Darcy "ficou chateado" porque ele emprestou o carro para Olocy, outro filho seu.

Darly disse ainda que não abandonou a Fazenda Paraná quando o mandado de prisão, por causa do seu envolvimento no crime de Umuarama, chegou a Xapuri. Essa ordem de prisão chegou pouco mais de um mês antes da morte de Chico Mendes. Mauro Sposito, então superintendente da Polícia Federal no Acre, demorou 15 dias para despachar a ordem de prisão. Em seguida, a polícia avisou que Darly havia fugido. **(Emanuel Neri)**

'Eu matei Chico Mendes', admite o réu Darcy ao tribunal em Xapuri

Do enviado especial a Xapuri

A confissão de Darcy Alves Pereira (e não da Silva como a **Folha** grafou anteriormente) surgiu de forma tão surpreendente que a platéia presente ao Tribunal do Júri em Xapuri não esboçou reação. Ficou em silêncio. A pergunta crucial do juiz foi feita de forma quase burocrática:

"Trata-se de um processo pela prática de homicídio. Você confirma que praticou o crime?"

"Confirmo", disse Darcy. Relida a acusação e repetida a confissão, Darcy passou a descrever o momento do crime.

Disse que tinha passado o dia em Brasiléia, de onde veio pilotando sua moto. Estava decidido a matar Chico Mendes. Passou em seu "barraco", na beira da estrada que liga Brasiléia a Xapuri, dentro da Fazenda Paraná, onde morava. Pegou uma espingarda de calibre 16, não se lembra a marca. Já estava carregada com um cartucho. Pegou um outro no bolso e rumou "direto pra Xapuri". "Direto para a casa de Chico?", perguntou o juiz. "Direto", respondeu.

Na entrada da cidade, procurou "um mato" para esconder a moto. Daí, foi a pé até a casa de Chico Mendes, seguindo um caminho que margeia o rio Acre, que banha a cidade. Ele percorreu seu caminho enquanto escurecia. O terreno estava limpo, sem "capoeira" (mato alto), facilitando a chegada ao fundo do quintal.

Ele ouvia vozes dentro da casa. Já estava escuro, a família Mendes já havia acendido suas lâmpadas. "Quando eu entrei alguém estava fechando a janela dos fundos. Não pude ver quem era". Mas sabia que seu alvo estava em casa. Intuiu (ou conhecia?) a sua, entre as vozes que conversavam na cozinha. Ele disse ao juiz que era a primeira vez que entrava no quintal daquela casa de madeira.

"Nesse momento, você tinha intenção de matar?", perguntou o juiz. "Foi", respondeu. "Você tinha certeza que ele ia sair?" Darcy: "Não tinha certeza. Logo que cheguei, percebi que ele estava ali. Ouvi a conversa".

Darcy então pôs sua arma "na posição" —no julgamento de ontem ele não descreveu qual é a sua predileta. Na reconstituição do crime, quando de sua primeira confissão, disse ter segurado a arma na altura da cintura. Armou a espingarda e ficou esperando. Foi rápido. Tão logo Chico Mendes abriu a porta da cozinha, para ir ao banheiro que fica fora da casa, ele logo viu seu rosto, num brilho da luz, e atirou. "Ele abriu a porta, eu disparei a arma".

O assassino não chegou a ver o estertor da vítima. Nem consegue se lembrar como ele estava vestido. Não lembra sequer se ele desceu a escada depois de abrir a porta. Só se lembra do disparo: "Levantei a arma e atirei".

Viu que tinha atingido a vítima e deixou o local. "Você caminhou devagar ou rápido?", perguntou o juiz Longuini. "Médio", respondeu. Darcy foi de novo na direção do rio Acre, onde diz que jogou a arma. Lembra de ter passado por várias pessoas no caminho. Apanhou a moto e foi para a casa de uma tia, Zilda Jocilha de Oliveira, em Brasiléia.

"Por que você fez isso?" perguntou então o juiz. Darcy respondeu que até aquele momento, nunca tinha descrito o crime para ninguém. Nem mesmo para seus advogados (o advogado João Lucena Leal disse que sabia da confissão desde o dia anterior). Com isso, ele nega a confissão anterior, logo após o crime.

Juiz - Alguém te orientou sobre esse crime?

Darcy - Não, foi decisão minha própria.

Juiz - E seu pai?

Darcy - Não, não, meu pai não tem nada com isso.

Entre os motivos que Darcy alega para ter praticado o crime, está a denúncia de Chico Mendes contra seu pai, revelando publicamente que ele era réu em um processo por homicídio, em Umuarama (PR), de onde a família Alves da Silva saiu fugida para o Acre. "Ele foi cutucar lá em Umuarama.", afirmou.

Quando Mendes divulgou o processo de Umuarama, Darly se escondeu para não ser encontrado pela polícia. O filho disse que ficou irritado com o que considerou uma perseguição de Mendes. O álibi com que reforça a tese de que o pai não o orientou no crime está baseada nessa fuga. Há muitos dias que não via o pai foragido. **(Leão Serva)**

Corpo de jurados não desagrada os seringueiros

Do enviado especial a Xapuri

Os sete nomes do corpo de jurados do julgamento do assassinato de Chico Mendes não desagradaram os seringueiros de Xapuri. Gomercindo Rodrigues, 31, do Conselho Nacional de Seringueiros, disse que teve uma única surpresa: o veto, da defesa, a Manoel Francisco Fernandes. "Nós seringueiros também não tínhamos confiança nele", disse.

Os dois nomes vetados pela acusação, Antônio Valcir de Oliveira e José Nilberto, segundo Rodrigues, são ligados aos fazendeiros e à UDR de Xapuri.

A seguir, a lista dos jurados:

Náder Melo Sarkis, trabalha na Rádio Difusora de Xapuri. É de família tradicional da cidade.

Cleonice Gonçalves de Araújo, trabalha no Banco do Acre. É também professora primária.

Marcos Soares da Silva, funcionário da Sucam. Participou do júri que condenou, em junho deste ano, Darcy Alves Pereira a 12 anos de prisão, por atirar em seringueiros.

Edilson da Silva de Oliveira, pequeno empresário. Trabalha com compra e venda de borracha.

João Jorge Cosmo da Silva, presidente do Sindicato dos Servidores Municipais de Xapuri. Tem ligações com o PMDB.

Miriam Mendonça de Souza, funcionária da Companhia Industrial de Laticínios do Acre (Cila). Trabalha em Xapuri.

Wagner Saady Maciel, de família tradicional de Xapuri. Trabalha no Banco do Acre. O pai é suplente de vereador do PT. **(EN)**

Crime ocorrido em 84 pode envolver Darly

Do correspondente em Rio Branco

Além de figurar como acusado pela morte de Chico Mendes, o fazendeiro Darly Alves da Silva é apontado como mandante do assassinato do comerciante João Alves Mesquita, ocorrido a 3 de março de 1984 em Porto Velho (RO). Mesquita foi morto a tiros dentro de seu escritório, na presença da mulher, Darci, e da filha Renata Cristina.

Renata Cristina, 21, chegou ontem a Rio Branco para participar do julgamento de Darly. Ela seguiu ontem mesmo para Xapuri, onde pretende acusar o fazendeiro pela morte de seu pai. Ela disse que ele foi assassinado pelos pistoleiros conhecidos por "Amadus Amadeus" e Oscar Oliveira. Segundo ela, eles teriam sido contratados por Darly para eliminar seu pai. A suspeita sobre Darly —afirma ela— "é muito forte". Ela pretende contar a versão sobre o assassinato do pai ao juiz Adair Longuini, que preside o julgamento em Xapuri.

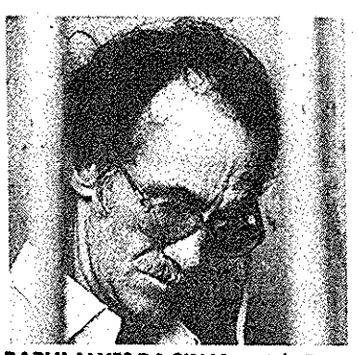
A advogada Maria José Urizzi, 50, que mora em Pimenta Bueno (RO), também chegou ontem no Acre. Ela acusa Darly de ser o mandante do assassinato de seu marido, Acir Urizzi, ocorrido em Umuarama (PR). Maria José viajou para Xapuri ainda ontem.

Editoria de Arte

OS PERSONAGENS DO CASO

CHICO MENDES, seringueiro, ecologista e líder sindical. Foi assassinado em 22 de dezembro de 1988, quando era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Recebeu o prêmio Global 500, da ONU, por sua luta na defesa do meio ambiente.

DARCY ALVES PEREIRA, acusado de matar Chico Mendes. Condenado a 12 anos de prisão, junto com seu irmão Olocy, pelo atentado ao IBDF. Quatro dias após a morte de Chico Mendes, apresentou-se como o assassino. Depois disse ser inocente. No julgamento, voltou a confessar o crime.



DARLY ALVES DA SILVA, pai de Darcy e acusado de ser o mandante do crime contra Chico Mendes. Fazendeiro, no Acre desde 1974, Darly se diz inocente. Além de ser também acusado pelo assassinato do agricultor Acir Urizzi, em 1973 no Paraná, é suspeito de ser o mandante de outros crimes.

Acusados chegam à cidade sob forte segurança

Do correspondente em Rio Branco

Darly Alves da Silva e Darcy Alves Pereira, acusados pelo assassinato de Chico Mendes, foram levados de carro de Rio Branco para Xapuri, sob forte esquema de segurança. Eles foram transferidos da Penitenciária de Rio Branco para Xapuri em carros das Polícias Federal, Militar e Civil, pela BR-317.

A segurança dos acusados foi feita por 20 policiais. O "comboio", formado por seis carros, saiu de Rio Branco, capital do Acre, às 3h15 da madrugada de quarta-feira. A chegada em Xapuri ocorreu às 7h30.

Acervo ISA

Cresce expectativa sobre o destino de Darly

Do enviado especial a Xapuri

Darcy Alves Pereira confessou o assassinato de Chico Mendes, surpreendeu a platéia e mudou de forma repentina a estratégia da defesa. Até ontem os advogados dos réus divulgavam a negativa de autoria como tese principal. Era tudo ou nada, absolvição ou condenação severa. Abre-se um leque de possibilidades. Darcy e seu pai, Darly Alves da Silva, são acusados de homicídio qualificado. A pena é de 12 a 30 anos de reclusão.

Com a confissão de Darcy, cresce a expectativa em torno do destino de Darly. O filho negou a participação do pai no crime. A acusação terá que prová-la ao Tribunal do Júri de Xapuri, agora com mais força e convencimento. Antes, como Darcy negava o crime e os indícios de sua culpa eram veementes, a prova contra o filho servia contra o pai, sugerindo uma união de propósitos.

O promotor e o assistente da acusação prometem desmoralizar as palavras de Darcy. Consideram a confissão uma farsa que tem por objetivo isentar Darly. Aumenta a tensão no julgamento.

Em relação a Darly, pelo menos na teoria, há agora a chance de uma condenação mais branda. Os advogados de defesa tentarão derrubar em plenário as circunstâncias qualificadoras do homicídio (motivo torpe e emboscada).

A pena do homicídio simples é menor, de seis a 20 anos de reclusão. Podem tentar, ainda, uma condenação por homicídio privilegiado (com pena reduzida de um sexto a um terço). Mas a prova existente no processo e o clima político desfavorável aos acusados indicam que muito dificilmente esta tese pode prosperar. A defesa teria que provar que Darcy agiu "impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida à injusta provocação da vítima".

Darcy confessou uma vez o assassinato e depois voltou atrás. Agora, uma nova confissão com detalhes diferentes. A estratégia da defesa ficará mais evidente com o desenrolar do julgamento. Somente quando os advogados dos réus se pronunciarem em plenário é que se estabelecerão os quesitos que serão respondidos pelos jurados ao juiz presidente. Darcy será condenado, resta saber por qual fundamento legal. Darly é um caso a parte, foi beneficiado pelas palavras do filho e pode até ser absolvido. Em relação a ele continua a ser tudo ou nada. Tudo vai depender da força de convencimento da acusação e da defesa.

(Luís Francisco Carvalho Filho)

LUÍS FRANCISCO DA SILVA CARVALHO FILHO, 33, é articulista jurídico da Folha e sócio do escritório Dias, Penteado de Moraes e Carvalho Filho - advogados.

Defesa diz que se surpreendeu com confissão

Do enviado especial

Tão logo chegou à sede do fórum de Xapuri, o advogado João Lucena Leal, 52, deu dois sinais claros de que algo imprevisível ia acontecer. Falando à **Folha**, disse: "Eu trago uma bomba. Pode esperar para ver." Em seguida, disse a outro jornalista que o julgamento acabaria hoje e não duraria os três dias previstos pela acusação.

Depois da confissão do crime feita por Darcy Alves Pereira, Lucena Leal deixou a mesa reservada aos advogados de defesa para dar entrevista no hall de entrada do fórum. Disse que tinha se preparado para afirmar perante o júri que seus clientes eram inocentes. "Toda a literatura que estudamos e trouxemos para cá é sobre esta tese." Ele disse que foi surpreendido na terça-feira pela declaração de seu cliente de que ia confessar o crime.

"Durante todo esse tempo eu perguntava ao Darcy se ele tinha cometido o crime. Ele sempre negou e, quando eu insistia, chegou a me dizer que eu parecia um investigador." O advogado afirma que o outro réu, Darly, ficou irritadíssimo com a confissão do filho. "Ele nunca podia imaginar. O menino passou quase dois anos preso com o pai sem nunca falar nada." O advogado diz que a confissão, como foi feita, facilita muito a defesa de Darcy, porque deixaria de existir a qualificação do crime —emboscada—, pois ele diz que foi à casa de Chico Mendes e logo atirou.

O advogado acredita que o júri vai crer no depoimento de Darcy, que afirma que seu pai, Darly, não teve qualquer influência sobre suas atitudes. Tanto é que Lucena Leal anunciava ontem a dispensa de suas testemunhas.

Márcio Thomaz Bastos, assistente da promotoria, disse que tudo é uma manobra. Ele acredita que seu rival estaria dispensando as testemunhas para evitar que elas mintam mais uma vez.

Lucena Leal vai argumentar que Chico Mendes "ensejou, provocou o papel de vítima, atasanando" a vida dos Alves. Isso justificaria a atitude violenta de Darcy e serviria de atenuante em sua pena pelo homicídio. (LS)

Testemunhas de defesa adiam viagem a Xapuri

Da Reportagem Local

Duas testemunhas de defesa de Darly e Darcy, Zilda Dorzila de Oliveira, 39, e seu marido, Hercílio Moraes de Oliveira, 43, estão em Cuiabá (MT) e adiaram a viagem a Xapuri. Zilda é irmã de Darly e tia de Darcy. Ela disse que levou seu marido a Cuiabá para ser operado.

Hercílio afirmou que está se recuperando de uma cirurgia e que ainda não teve alta médica. Por isso, disse, o casal não pôde viajar para depor. Zilda, que falou ontem à **Folha** por telefone, afirmou que ela e seu marido pretendem deixar Cuiabá no sábado. A viagem de ônibus até Xapuri dura 48 horas. Ela acha que seu irmão é inocente: "Sei que não é tão violento a ponto de mandar matar alguém".

Erramos

Por um erro de digitação da Redação e não do articulista, a **Folha** *informou na suas primeiras edições de ontem, no texto "Tese da defesa leva acusados para tudo ou nada" (pág. A-6), que a pena prevista para homicídio qualificado seria de 12 a 13 anos. O correto é de 12 a 30 anos.*

Acervo ISA

Lula defende resistência armada no campo

EMANUEL NERI
Enviado especial a Xapuri

O deputado Luiz Inacio Lula da Silva, presidente nacional do PT, defendeu ontem a resistência armada dos trabalhadores do campo contra as ameaças de morte que eles vêm recebendo. "Cabe a nós, trabalhadores, proteger os nossos dirigentes para que eles não sejam assassinados", afirmou. A **Folha** indagou se a proteção que ele defendia era armada e ele admitiu que sim.

"O Osmarino está sendo ameaçado de morte. Você acha que ele tem que ficar pedindo a Deus para não matarem ele?", disse Lula, referindo-se às ameaças que o secretário-geral do Conselho Nacional de Seringueiros, Osmarino Amâncio Rodrigues, vem recebendo. O repórter lembrou a Lula que, após as ameaças a Osmarino, ele passou a andar protegido pela Polícia Federal. O presidente do PT disse que essa proteção não é suficiente.

"O Chico Mendes também tinha proteção da polícia e foi morto", afirmou. "A polícia não dá proteção a ninguém", declarou. Segundo Lula, os trabalhadores não "querem só punir quem mata". Para ele, o que se tem que evitar "é que os trabalhadores continuem morrendo". Lula citou o exemplo do julgamento de ontem: "Nós não queremos só ficar satisfeitos se Darly e Darcy forem condenados. Nós queremos que eles não matem mais".

A resposta de Lula sobre a resistência armada surgiu quando um repórter perguntou a ele sobre o temor dos seringueiros de Xapuri, de que as ameaças voltem após o julgamento de Darly e Darcy. Lula disse claramente que os seringueiros deverão optar por um esquema de segurança própria. Indagado se tal alternativa não era perigosa por pregar a violência, respondeu: "Não, os trabalhadores precisam manter esquemas para se defenderem".

Lula deu essas declarações às 13h de ontem, ao deixar o fórum de Xapuri. O julgamento acabara de ser suspenso, para almoço. Ele comentou também a confissão do crime, feita por Darcy. Para ele, isso fez parta de uma estratégia para inocentar Darly. "Foi uma encenação, uma montagem muito boa. Eles montaram tudo. A tática é o Darcy puxar a culpa para si e livrar a cara do Darly", afirmou. Lula deve voltar hoje a Brasília, para participar de votações na Câmara dos Deputados.

Fotos Antonio Gaudério

Luis Inacio Lula da Silva, presidente do PT, no ônibus que o levou a Xapuri, onde assiste o julgamento

"Darly não queria mal a Chico Mendes"

Do enviado especial

Natalina Silva, a mais velha das quatro mulheres com que vivia (em casas separadas) Darly Alves da Silva, foi a única a estar presente ao julgamento do marido. Estava tensa, contraída, com as mãos trêmulas. Diz que se sentia mal. Enxaqueca. Se negava a responder às perguntas dos repórteres que tinham gravador ou microfone. Parecia querer paz. Já estava sentada em sua cadeira, na primeira fila da platéia, no segundo lugar mais próximo dos réus quando, às 7h35, as portas foram abertas ao público. Parecia pedir com ós olhos que, por clemência, a deixassem quieta em seu canto.

Esse é o segundo julgamento de familiares que ela assiste em poucos meses. No primeiro, Darcy e seu irmão Olocy foram condenados a 12 anos de prisão por outro crime (atiraram, de uma moto, em seringueiros que tinham invadido o prédio do IBDF em Xapuri). Nesse dia, ela chorou muito na condenação. Agora diz que não se lembra.

Ontem, vestia um "tubinho" cor-de-rosa escuro, nos braços uma pulseira de metal laqueado, que diz ser de prata, e um pequeno relógio dourado. Fala baixo, sentada sempre ao lado de Natália Pereira Borges, a mulher de Olocy que é irmã de Genésio Ferreira da Silva, a principal testemunha de acusação.

Na longa conversa com poucos repórteres, em que disse muito poucas palavras e ouviu muitas perguntas, disse que não sabe se Chico Mendes era amigo de seu marido, como chegou a dizer um dos advogados de defesa. Mas que Darly não queria mal o líder dos seringueiros: "Ele não queria mal o Chico Mendes, isso não queria."

Natalina da Silva, na sala onde seu ex-marido, Darly Alves, é julgado

E a senhora, tem raiva de Chico Mendes? "Como que eu posso ter raiva de alguém que nunca me fez mal? Eu não conhecia ele. Se alguma vez ele foi na fazenda, eu não vi, mas muitas vezes alguém vai lá e eu estou trabalhando, não vejo. Mas ele nunca me fez mal nenhum. E para mim, todas as pessoas são boas pessoas", disse, cheia de sotaque e erros de português.

Desde a prisão do marido, ela permanece vivendo em Xapuri, na sede da fazenda Paraná, que hoje é administrada por seu filho Darlyzinho, 19. Fez poucas visitas ao marido, que está preso em Rio Branco, para onde se mudou outra das mulheres. Ela não fala sobre as aventuras do marido: "Não sei de nada disso. Não conheço bem essas moças."

Essas são algumas das declarações que deu aos repórteres na apertada sala do fórum de Xapuri. Até esse momento, ela defendia que a confissão inicial de Darcy era falsa, influenciada por um advogado. Insistia em afirmar sua inocência, poucos minutos antes de assistir, quieta e atenta, a confissão com que o rapaz alterou a estratégia da defesa dos réus.

*

Folha — A senhora tem falado com seu marido? Ele está melhor da úlcera?

Natalina Silva — Não sei de nada sobre isso. Não estou por dentro desse assunto de úlcera. (Fica calada, olha para o chão)

Folha — A senhora acha que seu marido mandou matar Chico Mendes?

Natalina - Ele nunca mandou matar ninguém.

Folha — Mas ele tinha raiva do Chico por causa da acusação que o Chico fez a ele?

Natalina —(Não responde)

Folha — O Darcy primeiro confessou o crime e depois mudou de idéia. Qual é a verdade?

Natalina — Foi o advogado que ensinou ele a falar aquelas coisas. Ele não fez nada daquilo.

Pergunta — Que advogado? Foi o Antônio Barbosa?

Natalina — Não me lembro do nome. (Mas depois faz sinal de concordância com a cabeça)

Folha — Darcy, Olocy e seu filho Darlyzinho são muito violentos, são muito bravos?

Natalina — Eles não são bravos não.

Pergunta — Como é o seu relacionamento com as outras mulheres de seu marido?

Natalina — Eu nunca fui valente.

Folha — Depois que seu marido foi preso, sua vida tem sido tranquila ou um inferno?

Natalina — Uma vez eu tava pra Rio Branco e lá em casa só estavam as crianças. E houve um monte de tiros. Até hoje estão os buracos lá em casa, na janela.

Pergunta — Quem atirou?

Natalina — Eu não sei, mas foi um carro da estrada. Depois disso, meu sogro, seu Sebastião, também foi ameaçado de morte.

(Leão Serva)

Caso ganha espaço na TV norte-americana

De Nova York

O primeiro dia do julgamento de Darcy e Darly Alves pelo assassinato de Chico Mendes ganhou espaço na TV norte-americana. A CNN, canal de TV a cabo exclusivamente de notícias, foi aumentando gradualmente a duração de suas reportagens durante o dia.

De manhã, anunciou o início do julgamento em 30 segundos. À tarde, informou que Darcy Alves havia confessado a autoria do crime. Por volta das 16h (19h no Brasil), durante o programa "International Hour", o julgamento foi considerado uma das "top stories" (principais notícias). A apresentadora do programa conversou ao vivo por três minutos e meio com a correspondente da TV no Rio de Janeiro.

A correspondente disse que a confissão de Darcy foi recebida com surpresa e, de acordo com declarações do diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, poderia ser uma tática para não incriminar Darly Alves. Segundo a correspondente, o presidente Collor tem recebido forte pressão internacional e o próprio fato de o julgamento estar se realizando já significa que mudanças estão acontecendo no país.

(Vitor Paolozzi)

"Libération" menciona 'faroeste' na Amazônia

De Paris

O jornal francês "Libération" tem um enviado especial em Xapuri para acompanhar o julgamento dos acusados pela morte de Chico Mendes, "o primeiro mártir da ecologia" mundial. O jornalista Jean Jacques Sevilla está no Acre para contar aos leitores franceses como será o "evento judiciário de alcance mundial" que trata da "sangrenta saga da colonização selvagem da Amazônia, o faroeste dos brasileiros".

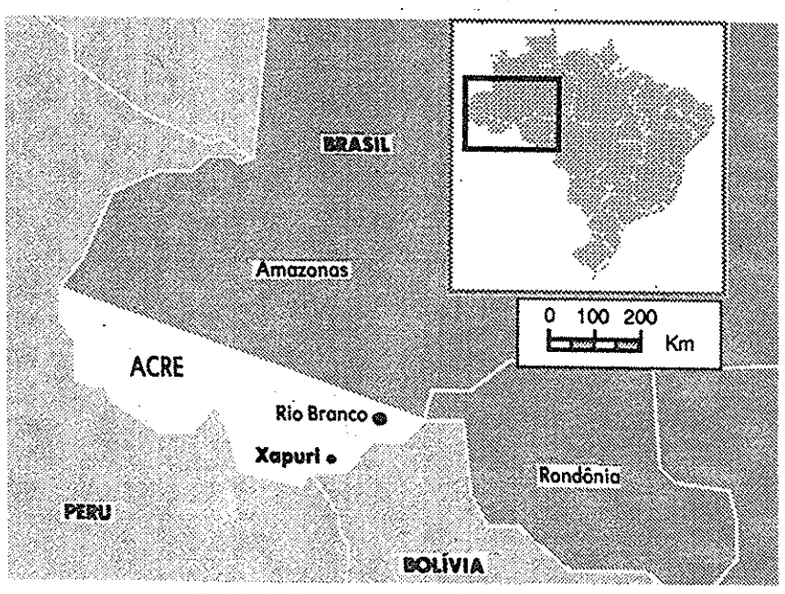
Em reportagem na edição de ontem, o "Libé" conta a história de Chico Mendes e descreve o ambiente de Xapuri nos dias que antecederam o julgamento. Informa que o juiz Adair Longuini costuma jogar bola com seus colegas da administração de Xapuri. Conta que um quarto alugado em qualquer casa simples custa cerca de US$ 150 por dia, dez vezes o preço que as pensões da cidade cobram em dias normais.

Segundo o "Libé", o julgamento de Darly Alves da Silva e de seu filho Darcy será particularmente interessante para se saber em que medida homens rústicos que não costumam se envolver em política foram manipulados por dirigentes da União Democrática Ruralista (UDR).

(Mario Andrada e Silva)

Editoria de Arte

ONDE FICA XAPURI *



PARA ENTENDER O CASO

17 de novembro de 1988
O líder sindical e ecologista Chico Mendes denuncia ao juiz da comarca de Xapuri (AC) que Darly e Alvarino Alves da Silva o seguiam e "tramavam" seu assassinato. Ele percebeu a presença dos dois a partir da tarde de 27 de setembro. No dia anterior, a Polícia Federal do Acre havia recebido carta precatória da Justiça de Umuarama (PR), pedindo a prisão preventiva de Darly e Alvarino.

22 de dezembro de 1988
Chico Mendes, que recebeu o prêmio Global 500 da ONU, como um dos mais importantes defensores da natureza em 1987, e foi condecorado pela Sociedade por um Mundo Melhor, em Nova York, com a medalha de proteção ao meio ambiente, é assassinado às 18h45 em sua casa, em Xapuri, com um tiro de escopeta calibre 12 no lado direito do peito.

27 de dezembro de 1988
Darcy Alves Pereira, filho de Darly, se entrega ao então secretário de Segurança do Acre, Carlos Castelo Branco, e confessa ter matado Chico Mendes. Mais tarde, Darcy nega o crime.

7 de janeiro de 1989
Darly se entrega à Polícia Federal, mas se diz inocente.

12 de dezembro de 1990
Começa o julgamento de Darly Alves da Silva e Darcy Alves Pereira. Em seu depoimento ao Tribunal do Júri, Darcy confessa ter matado Chico Mendes. No julgamento, Darly nega ser o mandante do crime.

* Normalmente, a diferença de horário do Acre é de - 2 horas em relação a Brasília. Com o horário de verão, essa diferença possou a ser de - 3 horas.

Seringal Cachoeira foi a causa do assassinato

RICARDO ARNT
Da Reportagem Local

Dezoito de março de 1988. Trinta homens chefiados por Darly Alves de Souza entram no Seringal Cachoeira —o último intacto nas proximidades de Xapuri. Eles iriam desmatar a área adquirida por Darly do seringueiro José Brito. Brito rompera o pacto feito no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri de manter as terras do seringal entre seringueiros. A incursão fracassa. Armados, 180 seringueiros, esperavam os peões com piquetes. O "empate" dissuade pistoleiros e policiais chamados para garantir o desmatamento. Por causa dessa ação no Seringal Cachoeira, Chico Mendes foi assassinado.

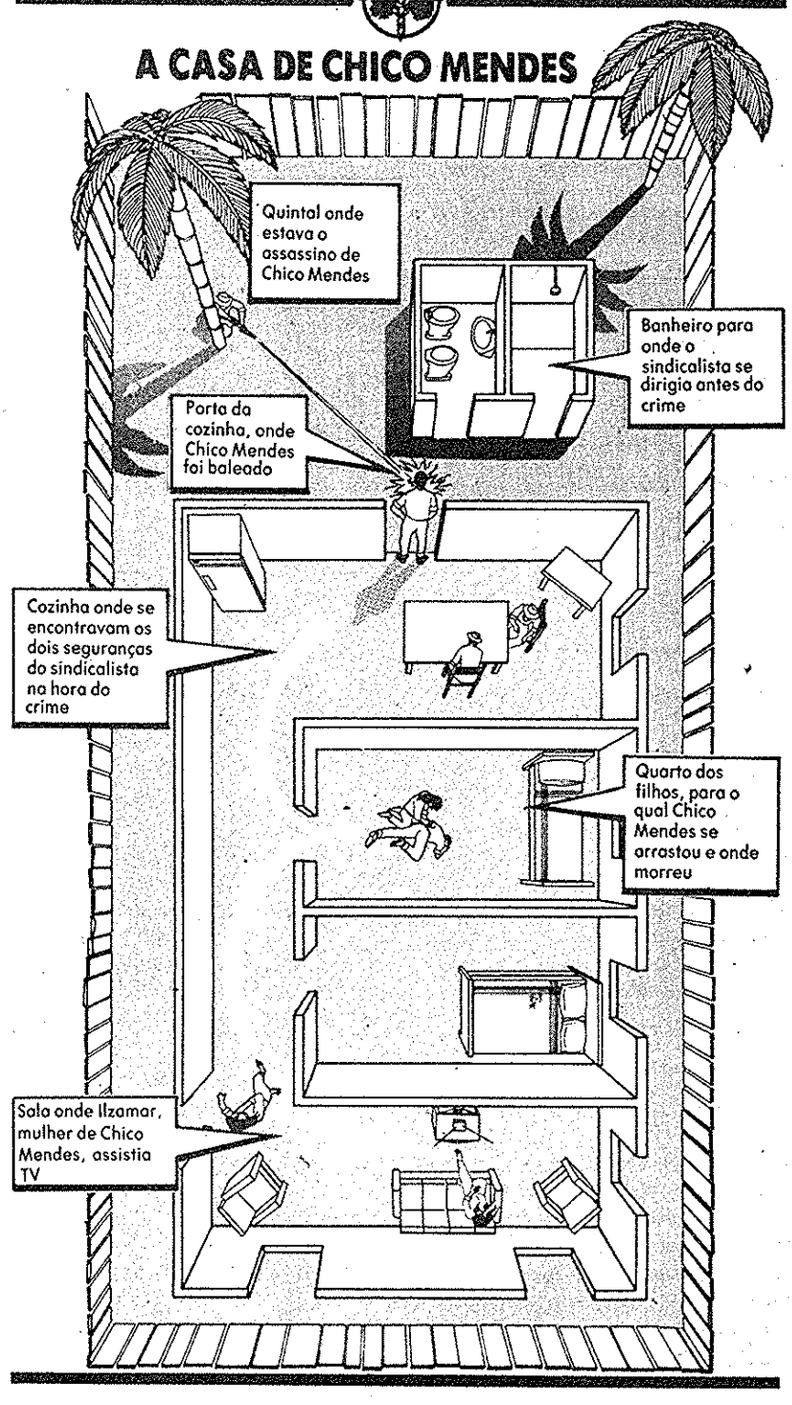
Do ponto de vista de Darly, Chico impedia-lhe o usufruto dos direitos de propriedade. Sessenta e sete famílias de seringueiros (420 pessoas) ocupavam os 24.898 hectares do seringal, alguns há 20 anos. Em 1978, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) fizera uma vistoria para fins de desapropriação. Mendes contava com a legalização das posses e a transformação da área em Projeto de Assentamento Extrativista —o que efetivamente ocorreu, depois de sua morte.

Chico sabia do risco que corria. Depois de 18 de março, dedicou-se a parar o avanço do fazendeiro no seringal. Intensificou a mobilização sindical. Denunciou com alarde as ameaças que sofria. Mandou buscar em Umuarama (PR), uma ordem de prisão contra Darly, acusado de ordenar o assassinato de um vizinho (Acir Uzzi), em 1973. Cobrou da Polícia Federal o cumprimento da ordem.

Darly é outro personagem paradigmático da saga amazônica. Chegou no Acre como fugitivo, em 1974. Trocou 250 hectares de terra no Paraná por 2.100 hectares em Xapuri. Com um financiamento bancário de Cr$ 300 mil, comprou gado e plantou café. Em 1978, já tinha convertido 800 dos 2.100 hectares da sua Fazenda Paraná em pasto. Tinha 680 bovinos. Alugava pastagens para outras 400 reses.

Dizia que a miséria era provocada pelo governo, que dava cobertura aos invasores de terra. Admitia que alguns fazendeiros abusavam da violência. Vivia cercado de pistoleiros. Não havia posseiros em sua propriedade. Na Fazenda Paraná moravam oito famílias, entre as quais suas quatro mulheres, em casas separadas. Oficialmente, tinha 13 filhos, mas admitia 22. Tinha 20 peões trabalhando em desmatamento.

Em 16 anos, juntou 6 mil cabeças de gado e 5 mil hectares de terra no Acre. Sua família foi indiciada em três inquéritos policiais sobre homicídios. Os inimigos acusam os Alves da Silva de serem responsáveis por 15 assassinatos. Quatorze estão narrados no processo de Chico Mendes. Um deles é o de José Brito, que vendeu a posse no Seringal Cachoeira e depôs contra Darly. Morreu no dia 19 de janeiro de 1990, baleado, perto do cemitério de Xapuri.

Ricardo Falcão/Editoria de Arte

A CASA DE CHICO MENDES